



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no seminário da Confederação Italiana dos Sindicatos dos Trabalhadores (CISL), com a participação da Confederação Geral Italiana do Trabalho (CGIL) e da União Italiana do Trabalho (UIL), sobre o tema “Nova economia, nova democracia”**

**Roma-Itália, 11 de novembro de 2008**

Primeiro, gostaria de manifestar a minha alegria e a minha satisfação de poder estar participando deste encontro com trabalhadores e trabalhadoras da Itália, sobretudo quando encontro aqui, não velhos companheiros porque somos todos jovens, mas experientes companheiros que junto comigo, nos anos 80, ajudaram a construir um pouco do sindicalismo que nós temos no Brasil.

Queria começar cumprimentando o Raffaele Bonanni, Secretário-Geral da Confederação Italiana de Sindicatos de Trabalhadores,

Senhor Guglielmo Epifani, Secretário-Geral da Confederação Italiana do Trabalho,

E o nosso companheiro Luigi Angeletti, Secretário-Geral da União Italiana do Trabalho,

Quero cumprimentar o meu amigo D’Alema,

Cumprimentar o Ministro das Relações Exteriores da Itália, senhor Franco Fratinni,

Os ministros brasileiros que estão aqui me acompanhando, minha ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral, e também sindicalista, velho amigo dos italianos; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Franklin Martins, da Comunicação Social,

Quero cumprimentar (inaudível),



Meus amigos e minhas amigas,

Certamente, não vou fazer aqui um discurso de sindicalista, se bem que eu gostaria porque o público é muito cativante. Eu adotei, como Presidente da República, sempre que posso eu leio o discurso para cumprir com a formalidade, e depois, se sobrar tempo, eu falarei um pouquinho dos meus sentimentos, (inaudível) sentimentos de como eu vejo as coisas além da Presidência.

É com satisfação que participo deste evento e queria ressaltar aqui, eu vi ali, de longe, não sei se ele (inaudível) o meu companheiro Alberto Tridenti. Não sei se está aí o Tridenti... Está ali.

Aqui estão aqueles que nunca faltaram com sua solidariedade e apoio nos anos em que o nascente movimento sindical brasileiro lutava pelo restabelecimento das liberdades democráticas. Descobri, naqueles momentos, a força que temos, os trabalhadores, quando falamos com uma só voz.

Meus amigos e minhas amigas,

Hoje, mais do que nunca, é chegada a hora da unidade dos trabalhadores e de suas organizações sindicais. A economia mundial vive a mais séria crise das últimas décadas. A comunidade internacional busca respostas às ameaças da derrocada da economia global. Os trabalhadores têm de ocupar um lugar central no debate sobre o dramático momento que vivemos e na construção de alternativas.

A crise, que começou no setor financeiro, já está contaminando a economia real. Afeta conquistas duramente alcançadas pelos trabalhadores, gerando cortes de salários e gerando desemprego. Estamos contemplando a face mais perversa da globalização. Empresas despedem trabalhadores, ao redor do mundo, agravando ainda mais uma crise nascida da especulação, da ganância e da anarquia gerada por mercados sem controle.

Em meu discurso na recente Assembléia Geral das Nações Unidas,



quando já se evidenciavam graves sinais da crise, afirmei que havia chegado a hora da política. O Estado tem que assumir suas responsabilidades. Aqueles que, dogmaticamente, haviam decretado sua inutilidade – quando não sua falência – batem hoje às suas portas para salvarem-se dos desastros que cometeram.

Temos, pela frente, desafios cuja solução não pode ser deixada nas mãos de tecnocratas, menos ainda dos aventureiros que transformaram a economia mundial em um grande cassino. Precisamos reconstruir as bases dessa economia mundial. Estabelecer um novo pacto que favoreça a produção e não a especulação, um pacto que permita reduzir as assimetrias entre os países e as desigualdades entre os seres humanos.

A pobreza e a exclusão que atingem centenas de milhões de homens e mulheres em todos os continentes não é só um problema econômico e social. É também uma questão política, ética e moral. Ela ameaça a paz no mundo e fere profundamente nossas consciências. Sabemos que não se pode solucionar esses grandes problemas sem uma reorganização profunda dos mecanismos de governança global.

Tenho falado com os líderes mundiais a respeito da necessidade de uma verdadeira refundação do sistema financeiro global. Precisamos de um sistema mais transparente, com regras e controles mais estritos, em benefício de todos aqueles, mundo afora, que vivem do seu trabalho. Mas a crise financeira internacional é somente a manifestação mais recente, e talvez mais ampla, de desafios que requerem ações urgentes, tomadas de forma democrática e solidária.

Penso na crise alimentar, que exige a eliminação de subsídios e de outras distorções que destruíram a agricultura de muitos países pobres e prejudicam a dos países emergentes. Num mundo onde cresce a competição por energia limpa e barata, precisamos democratizar o acesso às fontes alternativas. Tampouco superaremos a ameaça do aquecimento global



enquanto os países ricos não reconhecerem que a preservação ambiental não pode ser às custas do crescimento econômico nos países mais pobres.

O Brasil tem defendido a produção de biocombustíveis por sua capacidade de gerar alternativas para os países que dependem da importação de hidrocarbonetos, pelos empregos e pela renda que criam, por reduzir a emissão de gases de efeito estufa.

Meus queridos companheiros e minhas queridas companheiras,

Em todos esses temas, é indispensável uma visão renovada. Nossa meta deve ser uma economia global mais solidária e mais justa, construída de forma democrática. Acreditamos muito nessa possibilidade. A experiência brasileira e de outros países demonstra que estamos no caminho certo.

Ao contrário do que afirmavam os neo-conservadores dos anos 90, crescimento, estabilidade econômica e distribuição de renda são plenamente compatíveis. Não é necessário primeiro fazer crescer o bolo para só depois distribuí-lo. A distribuição é um fator fundamental de crescimento.

Em meu governo, favorecemos os trabalhadores aumentando o mercado interno e estimulamos o consumo e a produção. Tudo isso se fez em diálogo permanente com as centrais sindicais. Como resultado, entre 2002, 2003 e 2007, criamos mais de 10 milhões de empregos formais. Somente neste ano, de janeiro a setembro, criamos dois milhões de novos empregos (inaudível).

Os rendimentos dos trabalhadores aumentaram e o salário mínimo teve reajuste de até 52%. Ao mesmo tempo, estamos presenciando a mais duradoura queda na desigualdade de renda dos últimos 30 anos. Mais de 20 milhões de brasileiros saíram da pobreza. Esse resultado não foi conquistado apenas com o crescimento e a prudência macroeconômica. Os mais desfavorecidos precisam de instrumentos imediatos que lhes dêem perspectivas de um futuro melhor: saúde, educação e formação profissional. É o que o Brasil está fazendo ao estabelecer programas de treinamento para jovens trabalhadores.



Nosso maior programa social, o Bolsa Família, beneficia 44 milhões de pessoas, condicionado à frequência escolar.

Estamos compartilhando essas experiências com países da América Latina, do Caribe e da África, prestando assistência técnica e transmitindo conhecimentos, mas também aprendendo.

Por todas essas razões, o Brasil nunca esteve tão preparado para enfrentar a turbulência atual. Abrimos linhas de crédito para proteger os pequenos produtores e empresários, responsáveis por 60% dos empregos no País. Isto nos permitirá gerar somente neste ano, como disse agora há pouco, mais de 2 milhões de novos empregos formais.

Com estímulos à demanda interna, vamos fazer tudo o que for necessário para manter o País no caminho do dinamismo econômico.

Mas sabemos que nenhum país pode proteger-se da crise sozinho. Vamos aprofundar nossa integração com os irmãos sul-americanos. Vamos precisar de um enorme esforço de coordenação internacional, centrado em foros mais democráticos e representativos. Com uma agenda e com medidas que também reflitam os interesses e necessidades da maioria, e não somente as imposições ou ditames de uma minoria que fracassou.

Será necessário, também, rever prioridades. Dar uma ênfase maior aos temas centrais do combate à fome e à pobreza e também à superação das desigualdades. Pois são esses os temas que, como venho defendendo desde que tomei posse, em 2003, estão na origem de muitos dos problemas que tanto nos preocupam, como a migração e a insegurança.

Essa será uma negociação árdua, mas indispensável. Precisamos combater interesses já estabelecidos em favor de aspirações daqueles que ainda não alcançaram os frutos do desenvolvimento e da prosperidade.

Confio em que a Itália e o Brasil trabalharão juntos, assim como nossos sindicatos, na busca de soluções que façam avançar nossas conquistas sociais e nos ajudem a construir um mundo melhor e mais justo.



Meus amigos ministros, sindicalistas, companheiros e companheiras,

Aqui na Itália vocês já aprenderam como nós, no Brasil, que em época de crise todos perdemos. Em época de crise, muitas vezes, temos que substituir o nosso corporativismo pela política e pensar no amanhã e no depois de amanhã, porque essa crise ainda não nos permite conhecer todos os males que ela vem causar à Humanidade. Até porque a cada dia aparece uma novidade, a cada dia aparece um buraco, e nós estamos percebendo que é importante que os governantes ajam rapidamente para não permitir que o sistema financeiro quebre, porque nós não poderemos viver sem crédito e sem liquidez para irrigar a economia.

Mas é muito importante que os governantes do mundo tenham clareza de que a gente não pode apenas colocar dinheiro para salvar o sistema financeiro sem nos preocupar em garantir que aqueles que não são culpados, mas que são vítimas da crise, paguem o preço mais alto, que são os trabalhadores do mundo inteiro.

Certamente, ainda não temos um diagnóstico perfeito das causas da crise, e não esperem muito dessa reunião do G-20 no dia 15, em Washington. Ela será a primeira reunião, ela é um começo, um começo promissor, porque antes era só o G-8 que se reunia. Agora já é o G-20, ou seja, já são praticamente 12 países a mais, e me parece que a Espanha também vai participar, já seremos 13 países a mais. E também não será apenas o G-20 que vai tomar decisões. É importante que a gente tenha consciência de que somos grandes, mas é preciso ouvir os outros países do mundo para que eles possam compartilhar da construção de uma nova dinâmica da economia mundial.

Uma coisa que está acontecendo e me deixa, como político, satisfeito pela descoberta: durante 30 anos o Estado foi dado como inútil; durante 30 anos se dizia que o mercado, por si só, regularia a economia, cuidaria de políticas sociais, cuidaria de distribuição de renda, de geração de empregos, e



que o Estado só atrapalhava. Qual não é a minha surpresa quando o chamado mercado entra em crise, e a primeira instituição que ele se lembra é do Estado, que ele negou o tempo inteiro.

Por isso que é chegada a hora da política, por isso que as decisões têm que ser eminentemente políticas. Imaginem que no caso do Brasil nós temos uma situação considerada razoável no mundo de hoje. O Brasil é um país que tem apenas uma dívida interna. A nossa dívida pública é de apenas 37% do nosso PIB. O Brasil é um país, hoje, que é credor internacional, temos mais reservas do que a nossa dívida. O Brasil, no ano passado, cresceu 5,4%, e este ano estávamos trabalhando com a hipótese de crescer 6%. Possivelmente não crescamos tanto.

Mas me deixa inquieto quando eu vejo uma agência de risco, com a sua sede nos Estados Unidos, todos os dias medir o risco do meu País, que está crescendo, que tem reservas, que tem saldo positivo na balança comercial, e não vi até agora nenhuma agência medir o risco dos Estados Unidos. É como se apenas os países pobres pudessem oferecer risco a qualquer investidor internacional. Perguntem aos empresários italianos qual o risco que existe de investir no Brasil. Só tem um risco: terem mais lucro do que têm na Itália. Esse é o único risco que corre um empresário italiano no Brasil.

Essa crise é resultado da irresponsabilidade de uma parte do mercado financeiro internacional. Eu não sou economista, sou torneiro mecânico. Mas por ter sido sindicalista, meu caro D'Alema, eu fui obrigado, durante muitos anos da minha vida, a fazer reuniões com os grandes economistas brasileiros. Então, como todos os sindicalistas que falaram aqui, eu também penso que entendo de economia. Mas não é preciso ser economista para entender que o sistema financeiro sadio é aquele que investe no setor produtivo, porque investindo no setor produtivo nós geraremos lucro, mas geraremos empregos, que gerarão salário e, portanto, gerarão o poder de compra de um trabalhador ou de uma trabalhadora.



O que não pode é o sistema financeiro ganhar dinheiro na troca de papéis. O D'Alema me vende um papel, que eu vendo para a UIL, que vende para a CGIL, que vende para (inaudível), que vende para o (inaudível), que vende para um dirigente sindical japonês ou americano. Não gerou um posto de trabalho e deixou muita gente rica. São os ricos virtuais, são os ricos que ganharam dinheiro sem uma gota de suor, sem uma gota de sangue e sem pagar um único salário.

Eu disse ontem ao nosso querido presidente Napolitano que chegou a hora de parar de ouvir analistas de mercado e começar a ouvir analistas sociais, analistas sindicais, os verdadeiros economistas que entendem de economia.

A vantagem de ter perdido três eleições é que eu andei muito pelo mundo, e eu achava extraordinário. Eu ia a Nova Iorque, eu ia a Londres – o Marco Aurélio sempre me acompanhava – para discutir com os grandes bancos. Lá, colocavam na minha frente um bando de jovens, de yuppies, pessoas com 25, 26 anos, a dar palpite sobre a economia brasileira, boliviana, argentina, colombiana, peruana, ou seja, eles nem sabiam onde era a América Latina e ficavam a ditar regras para nós do que deveríamos fazer. Essa gente deu tanto palpite sobre os países pobres, que esqueceu de olhar para a sua própria situação, e agora muitos quebraram. De tanto dar palpite nos outros, eles quebraram.

No Brasil, eu posso dizer para vocês, o governo vai fazer o esforço que for necessário fazer para não permitir que essa crise chegue ao povo mais pobre, ao povo trabalhador. Não é uma tarefa fácil, porque num primeiro momento tem a crise do medo. O medo faz o banco não emprestar dinheiro para o empresário, que faz o empresário não construir uma nova planta, que faz o comércio não comprar do empresário, e que resulta no trabalhador não comprando, com medo de perder o seu emprego. Quando nós chegarmos a essa realidade, aí começa a crise real.



No Brasil nós, enquanto Estado, vamos fazer, até 2010, US\$ 250 bilhões de investimentos em obras de infra-estrutura, e não vamos parar nenhuma obra por conta da crise. Nós achamos que é o momento do mercado interno, nós achamos que é o momento de procurar novos parceiros. O fluxo comercial entre Brasil e Itália vai chegar a 8 bilhões este ano. É pouco, temos que trabalhar para chegar a 10, para chegar a 12, para chegar a 15, porque quanto mais diversificada for a nossa relação comercial, menos nós sofreremos por conta da crise econômica, do que se estivermos subordinados a um único país, a um único bloco.

Trabalhamos para fazer a Rodada de Doha, e trabalhamos muito. Não conseguimos. Eu acho que se a Rodada de Doha era uma oportunidade no mês passado, com a gravidade da crise a Rodada de Doha passa a ser, não uma oportunidade, mas uma necessidade para um alento ao mundo mais pobre, à América Latina. E não falo pelo Brasil, mas pelos países africanos. Se cada país voltar-se para dentro agora, como disse o ministro D'Alema, e parar com as políticas de investimento nos países mais pobres, aí a crise pode virar um caos, exatamente num momento em que o capital especulativo andava sem passaporte pelo mundo inteiro, e os pobres do mundo estão sendo perseguidos nos países ricos.

Eu digo sempre que Deus escreve certo por linhas tortas, e a primeira coisa importante que aconteceu depois da crise foi a eleição do Obama. Não é pouca coisa os Estados Unidos elegerem um negro presidente da República. Como não foi pouca coisa o Brasil eleger um torneiro mecânico, como não foi pouca coisa a Bolívia eleger um índio, como não foi pouca coisa o Paraguai eleger um bispo da Igreja católica para ser presidente da República. O significado da eleição do Obama é que uma das razões pelas quais ele foi eleito é a própria crise e, portanto eu acho que, inteligente como parece ser em todos os debates que eu vi, ele sabe que se essa crise não for debelada logo, um ano depois vai ficar na responsabilidade dele. Durante alguns meses, um



governante pode acusar o outro, mas depois de um ano fica nas costas do governante, qualquer que seja a crise.

Eu queria terminar dizendo para vocês que o movimento sindical precisa agir. Não contra mim, fazendo greve lá no Brasil. Eu mantenho a mais extraordinária relação com o movimento sindical. Já faz mais de 28 anos que deixei a presidência do Sindicato, já virei presidente da República, e ainda hoje eu os trato como companheiros e sou tratado por eles como companheiro. Até porque eu conheço a minha origem, sei de onde vim e sei para onde vou voltar quando eu não for mais presidente.

Queria pedir ao movimento sindical - vou ter um encontro no sábado ou na sexta-feira com o movimento sindical americano, que vai me entregar um documento - acho que é muito importante que o movimento sindical em cada país, e que o movimento sindical internacional elabore o seu diagnóstico e as suas propostas. Essa tarefa não é para governo nenhum dar solução, é para que o povo ajude a encontrar uma nova solução, um novo modelo econômico, um novo sistema financeiro, novas instituições multilaterais, porque essas estão falidas e já provaram que não representam mais os anseios do século XXI. Eu estou convencido de que se vocês formularem as propostas corretas, não estarão falando para os ouvidos surdos das autoridades. Posso dizer para vocês que, como eu, tem muita gente hoje que aprendeu a respeitar, a ouvir e a trabalhar junto com o movimento sindical.

Muito obrigado. Boa sorte.

(\$211B)